

Maria Rosa Duarte de Oliveira
Naira Neide Ciotti
Sandra de Camargo Rosa Mraz
Vera Cecília Achatkin
(organizadoras)

Território das artes

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Nadir Gouvêa Kfourir / PUC-SP

Território das artes / Maria Rosa Duarte de Oliveira ... et al. - São Paulo ; EDUC, 2006.

Bibliografia

166 p. ; 24 cm.

ISBN 85-283-0331-4

1. Artes. 2. Artes e tecnologia. 3. Dança. 4. Literatura. 5. Música. 6. Teatro. 7 Teoria dos sistemas.
I. Oliveira, Maria Rosa Duarte de.

CDD 700
700.105
780
792
793.3
800
003

Material elaborado e impresso com verba do convênio 019/2004 – SEB/MEC

EDUC – Editora da PUC-SP

Direção *Miguel Wady Chaia*
Editoria Responsável *Marcos Cezar de Freitas*
Produção Editorial *Magali Oliveira Fernandes*
Preparação *Célia Maria Trazzi Cassis*
Revisão *Tereza Maria Lourenço Pereira*
Editoração Eletrônica *Waldir Antonio Alves*
William Martins
Capa *Paula Giorgetti*
Pluri Design
Secretário *Ronaldo Decicino*



Rua Monte Alegre, 971 – sala 38CA

CEP 05014-001 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3670-8085

E-mail: educ@pucsp.br – Site: www.pucsp.br/educ

CORPO COMO INTERFACE NA ARTE-DANÇA

Helena Katz*

O conceito de interface popularizou-se e será difícil substituí-lo. Seu uso carrega e dissemina o entendimento de que o relacionamento entre dois objetos ou dois sistemas ou dois fenômenos pode se dar através de um terceiro, que faz uma espécie de tradução de um para o outro: é a interface. Ou seja, há algo que pode ligar duas coisas no seu entre. Historicamente, a denominação de interface cumpriu um papel importante, por chamar a atenção para a existência de um meio por onde se dá o relacionamento (esse entre) e, especialmente, por demonstrar que ele pode tomar muitas formas. Uma delas pode até ser a do corpo humano, possível de ser pensado como uma interface entre máquinas e natureza, ou entre natureza e situações do mundo, por exemplo.

Quando foi assim formulado, constituiu quase uma ousadia, pois fez descer o corpo humano do topo daquela pirâmide falsa onde, para muitos, ainda reina, soberano de uma escala que o instalou no ápice. Essa hierarquia equivocada, contudo, só continua a ser sustentada por quem não entendeu direito a evolução explicada por Charles Darwin, em 1859, no seu livro *Sobre a origem das espécies*.

Apesar dos méritos iniciais do uso dessa nomeação, hoje, segundo alguns estudiosos do assunto, ela pode atrapalhar um outro entendimento de corpo, mais adequado aos tempos de agora. Afinal, essa palavra sugere que o processo de relacionamento acontece através das faces de cada um dos envolvidos. Tal compreensão fica ainda muito próxima à de um mundo mecânico povoado por coisas que têm faces (contornos que definem as formas). E dificulta a outra, a que nos explica que a face não é um pedaço de um corpo pronto, um contorno, mas também parte do processo pelo qual cada corpo se torna corpo. É menos

* Helena Katz é doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, e do curso de graduação Comunicação e Artes do Corpo da PUC-SP; é autora de artigos publicados em periódicos e revistas especializadas, e, entre outros, do livro *Brasil descobre dança descobre Brasil* (São Paulo, Dórea Books and Arts, 1994).

uma linha que o desenha e mais ele próprio, o corpo propriamente dito. O que está em jogo na substituição do conceito de interface pelo de membrana é a compreensão de que as coisas do mundo nunca estão suspensas do tempo, do processo de transformação. Aliás, bem ao contrário disso, pois não param de trocar informações com os ambientes onde estão, em um fluxo contínuo de trocas que as modifica e ao mundo, mesmo que visualmente não seja possível detectar o que se passa na hora em que isso acontece.

Percebendo que tudo e todos estamos nesse fluxo incessante de trocas e mudanças, a face de cada habitante do mundo acompanhará as transformações sempre em curso, seja no sujeito humano, seja em quaisquer dos outros vários tipos de habitantes com os quais convivemos no Universo. Isso significa que as faces são porosas, conectivas, plásticas.

Se os corpos são sempre estados, momentos de organização desse fluxo, não devem ser entendidos como objetos terminados – nem o corpo, nem as suas faces. O corpo, então, não passa de um *flash* ou um instantâneo daquilo que circunstancialmente o constitui. Quando se trata com esta abordagem o corpo que dança, também a dança deixa de ser apresentada como algo que o corpo aprende a dominar de acordo com o seu talento. Em vez de se pensar que esta nova competência será uma aquisição a ser anexada em um recipiente, irá se tratar a nova habilidade como um outro estado do corpo. A diferença é a seguinte: em um jeito de pensar, existe um corpo que aprende e coleciona competências nesse seu recipiente, ornado com uma face; no outro, as novas competências são entendidas como um aprendizado que virou carne, virou corpo. Elas não podem ser colecionadas, porque são o próprio corpo. Assim, deixa de existir a idéia de um corpo colecionador de atributos para surgir a de um corpo que lida com as novidades fazendo delas a sua carne também. O corpo, então, é sempre aquilo que aprendeu (virou corpo).

Sendo assim, o corpo, em vez de ter faces externas, tem membranas muito permeáveis delimitando sua forma sempre em mudança. Membranas onde externo e interno deixam de estar inteiramente separados, e que favorecem ao corpo ser uma espécie de porta de vai-e-vem com as informações do mundo.

No corpo que dança, não acontece diferente. Daí a necessidade de se ter muito cuidado com a escolha das técnicas que ele aprende. Junto com cada passo de qualquer técnica, vem o entendimento daquele mundo onde aquele passo foi criado. Cada vez que um corpo treina, a habilidade motora que vai sendo conquistada significa que aquele pensamento vai se transformando em corpo. Um corpo muito bom em uma técnica qualquer não é muito bom somente no desempenho mecânico das habilidades nela contidas; torna-se, junto com o domínio conquistado, um arauto do seu modo de entender o mundo.

A técnica de dança funciona como uma membrana entre o corpo que se treina nela e os pensamentos contidos em cada um de seus passos. Quem preferir adotar a nomenclatura de membranas dirá que a técnica de dança funciona como uma mediação.